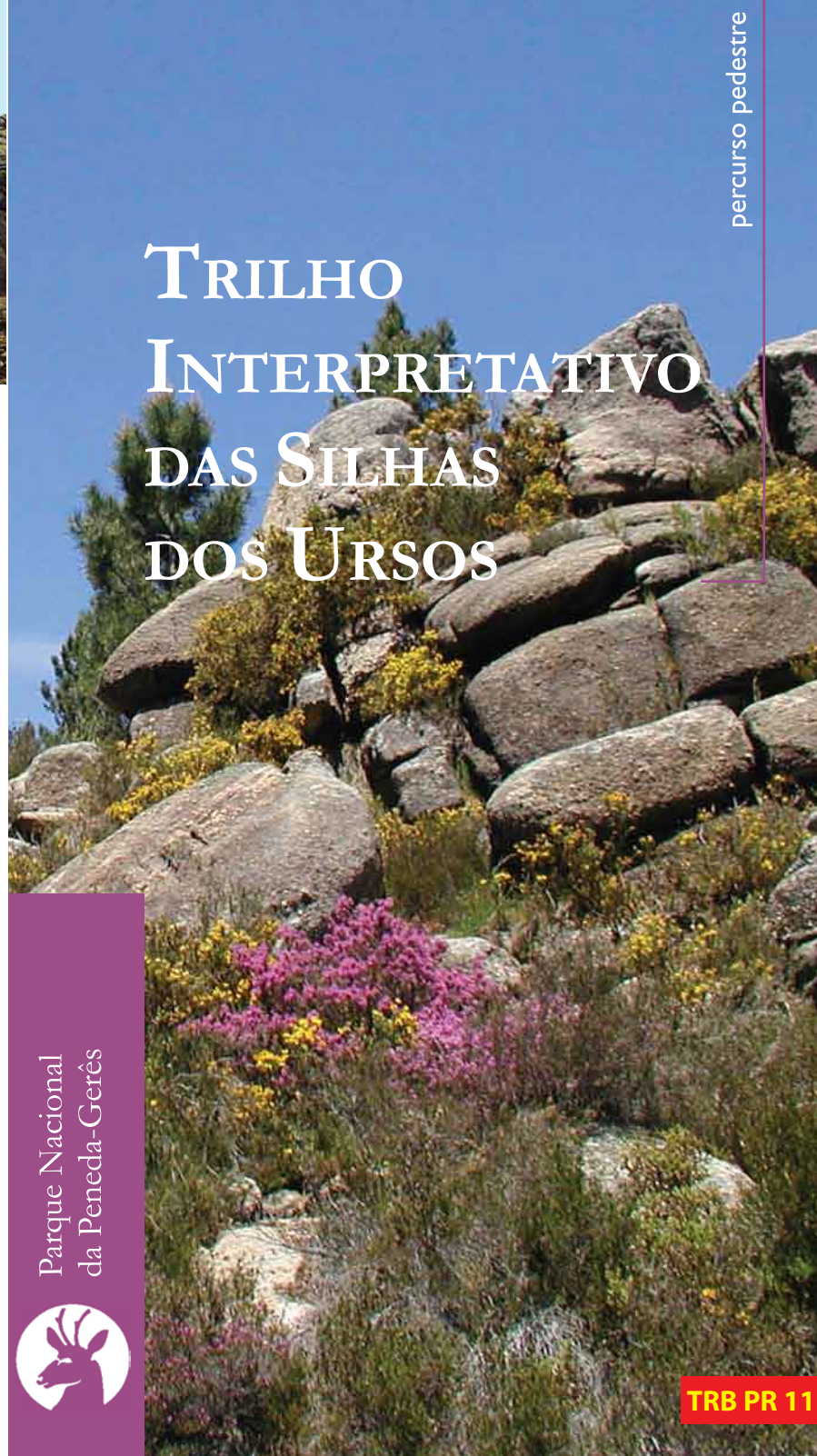




Ficha Técnica do Percurso

Nome:	“Trilho Interpretativo das Silhas dos Ursos”
Entidade promotora:	Parque Nacional da Peneda-Gerês
Localização:	Concelho de Terras de Bouro Freguesias de Vilar da Veiga e Campo do Gerês
Tipo de percurso:	Pequena Rota (PR)
Âmbito do percurso:	Paisagem e Arqueologia Rural
Distância percorrida:	Cerca de 5 km
Duração do percurso:	Cerca de 3 Hora
Grau de dificuldade:	Médio
Cota mínima/máxima:	900 m / 1100 m
Start:	41° 44' 44" N, 8° 10' 11" W



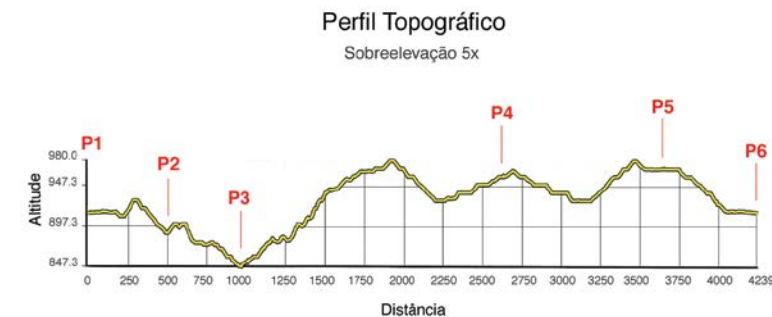
TRILHO INTERPRETATIVO DAS SILHAS DOS URSOS

percurso pedestre

Parque Nacional
da Peneda-Gerês



TRB PR 11



Caminho
Certo



Virar à
Esquerda



Caminho
Errado



Virar à
Direita



CUIDADOS A TER:

- ☞ Siga as indicações da sinalização. Não saia do traçado definido.
- ☞ Evite fazer ruídos e barulhos.
- ☞ Não abandone o lixo. Leve-o até um local de recolha.
- ☞ Não faça fogo.
- ☞ Deixe a natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Fotografe. Será uma excelente recordação.
- ☞ Cuide do seu conforto. Utilize vestuário e calçado adequado.

Trilho Interpretativo das Silhas dos Ursos

Percurso pedestre de pequena rota (PR), desenvolve-se na Serra do Gerês, sobre uma das vertentes do vale da falha do Rio Gerês, a altitudes compreendidas entre os 900 e os 1100 m. Tem por tema a apicultura e a arqueologia rural. O espaço territorial que o trilho percorre é constituído por encostas íngremes e cobertas de matos, linhas de água, pequenos bosques de carvalhos, vidoeiros e azevinhos e prados de altitude gerados por depósitos glaciares, fluviais e de vertente. Neste território é frequente a observação de animais silvestres, em especial aves, sendo a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) a mais comum. O percurso desenvolve-se sempre por caminho de pé posto, com piso irregular e inclinado nas encostas e piso regular e pouco acentuado nas zonas dos prados.

Posto 1
Casa da Junceda

O trilho tem início na Casa da Junceda, antiga casa florestal. Repare no bosque envolvente da casa, onde predominam o pinheiro-silvestre (*Pinus silvestris*), o carvalho-americano (*Quercus rubra*), carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), o azevinho (*Ilex aquifolium*), o vidoeiro (*Betula alba*) e cedro-branco (*Chamaecyparuss lawsonia*).

Posto 2
Silha dos Ursos I



Passe pela Fonte da Junceda e, um pouco mais à frente, vire à direita, cruze a linha de água e siga até ao portelo de Moninho. Desça a encosta do mesmo nome e chegará à primeira silha dos ursos. Trata-se de um pequeno muro de pedras, construído no topo de um penedo, cujo interior mantinha os cortiços das abelhas fora do alcance dos ursos. Data dos finais do século XV, princípios do século XVI. Estará a uma altitude de 900 m, numa encosta bem ensolarada, onde dominam os matos. Junto às linhas de água encontram-se carvalhos, azevinhos, vidoeiros e, mais afastados, pinheiros. A partir do afloramento granítico, perto da silha, aprecie a paisagem sobre o vale do Rio Gerês e a Albufeira da Canicada.

Posto 3
Silha dos Ursos 2

Continue o percurso ao longo da encosta de Moninho e depois de passar uma encruzilhada de duas linhas de água encontrará a segunda silha. Esta, na forma de um muro circular, é datada dos fins do século XVI, meados do século XVII. Até à extinção do urso-pardo (*Ursus actos*) nesta região (em meados do século XVII) as silhas foram construídas com blocos de granito, em parede dupla, com muros ligeiramente inclinados para fora, sendo a fiada superior ligeiramente saída, e com altura sempre superior a 2,80 m. No seu interior, dispostos em pequenos socalcos e travados por pedras, eram colocados os cortiços das abelhas, de forma circular, feitos em cortiça e cobertos por um pequeno telhado de colmo. Dispunham, algumas destas silhas, de pequenas portas que permitiam o acesso ao interior. A localização e a orientação das silhas é sempre em encostas abrigadas dos ventos e ensolaradas, voltadas para Nascente/Sul. São construídas perto da água e de vastas extensões de matos de plantas melíferas, compostos por urzes (*Erica* sp.), carqueja (*Camaespartium tridentatum*), tojo-molar (*Ulex minor*), tojo-arnal (*Ulex europaeus*) e ainda de giestas (*Cytisus* sp.). Estas condições naturais favoráveis e a disponibilidade de recursos fizeram com que a apicultura se tornasse numa actividade económica importante, complementar à silvo-pastorícia. Embora tenham vindo a perder importância, estas actividades têm, ainda hoje, expressão na economia local.



Posto 4
Prado de Gamil

Volte para trás subindo o caminho e 500 m depois, antes da primeira silha, vire à direita e suba toda a encosta. Percorra cerca de 1300 m até chegar aos primeiros prados. Siga ao longo dos prados e depois de passar uma portela, logo verá, no outro extremo do vale, o Prado do Gamil com os seus carvalhos e vidoeiros. Terá que descer o caminho pela linha de água, cruzar o ribeiro num pequeno terraço e depois subir ao longo do pequeno ribeiro que nasce nos prados. Terá percorrido a distância de 2680 m e estará a uma altitude de 1100 m. Note-se o luxuriante tapete de pasto verde, o pequeno grupo de velhos carvalhos e os vidoeiros, a fonte e a poça para os animais beberem. Alguns destes prados eram protegidos por muros de pedra solta e possuíam abrigos e pequenas cabanas de falsa cúpula construídos em lajes de granito. Muitos destes prados eram lavrados e semeados em centeio. Suba mais 300 m e terá uma soberba panorâmica sobre a aldeia de Campo do Gerês e a Albufeira de Vilarinho das Furnas, tendo como fundo a Serra Amarela.



Posto 5
Prado da Tojeira

Volte para trás pelo mesmo caminho, passe a portela e os primeiros prados e desça pelo caminho de pé posto até ao Prado da Tojeira. Aqui persistem os matos, dominando o tojo-molar (*Ulex minor*). Associado a este habitat é frequente a presença de algum gado bovino pastando em regime extensivo, e de cavalos, alguns dos quais garranos (cavalo luso-galiziano que vive em liberdade nestas serras).

